

Neil Simon escreveu mais peças de sucesso na Broadway do que qualquer outro autor americano. Foi a esposa de Simon, Joan Baim, quem inspirou seu primeiro grande sucesso, "Descalços no Parque", comédia sobre um casal recém-casado. Agora, em sua autobiografia, publicada em setembro último, o dramaturgo conta o emocionante final dessa história.

MINHA ESPOSA Joan e eu estávamos em férias em uma fazenda perto de San Antonio, Texas. Durante três dias jogamos tênis desde o início da manhã até a tarde, além de algumas partidas de golfe. Durante a noite ficávamos ao redor de uma fogueira, contando histórias com os amigos.

No quarto dia Joan começou a andar com dificuldade, com dores no quadril. Mas não se

Todos os dias de sua vida

NEIL SIMON

Blue Heron Lake, Nova York

deixou abater, e nos divertimos a valer até nosso último dia na fazenda. Quando nos levou ao aeroporto para a viagem de volta a Nova York, um amigo observou: “Joan, estou preocupado com esse seu jeito de andar.” E recomendou-lhe que procurasse um médico.

Dois dias depois nosso médico, Dr. Jack Bornstein, marcou uma consulta para Joan com um radiologista. Ela permaneceu na sala de raio X durante quase meia hora. Finalmente, sentamos no consultório do médico, e ficamos aguardando.

Quando voltou, o doutor Bornstein sorriu para Joan e disse que ainda estava esperando as chapas secarem. Quase como um ato contínuo, falou:

– Senhor Simon, tenho algumas coisas para discutir com o senhor. Poderia entrar, por favor?

Fiz um gesto com os ombros para Joan e o segui até uma sala com algumas radiografias na parede. Ele apontou para uma pequena área cinza do tamanho de uma moeda.

– Este é o osso ilíaco esquerdo. Esta área cinza está me deixando preocupado.

Senti meu coração bater mais rápido.

– O que o senhor quer dizer com ‘preocupado’?

– Parece um pequeno tumor. Talvez seja benigno, mas não temos meios de saber até vermos a biópsia.

Quando o médico e eu voltamos, Joan continuava sentada no consultório. Ele explicou-lhe com palavras cuidadosamente escolhidas o que acabara de me dizer. Marcaria uma

consulta no Hospital Lenox Hill para Joan fazer uma biópsia. Era um procedimento simples, pelo qual se retirava uma amostra do tecido de seu osso ilíaco. Após os exames eles teriam melhores condições de tratar o problema.

Um buraco se abriu

Isso aconteceu em 1971, quando câncer ainda era uma palavra pronunciada em voz baixa. Mas as palavras “tratamento” e “procedimento simples” nos fizeram pensar que, de fato, não havia um problema sério.

Muito nervoso, não conseguia acreditar que algo muito grave estivesse acontecendo com Joan. Estávamos casados há 19 anos, e ela parecia tão saudável e tão bonita quanto na época em que a conheci.

Naquela noite, não comentamos coisa alguma que pudesse preocupar Ellen e Nancy, nossas duas filhas. Joan lhes disse que não estaria em casa no dia seguinte quando voltassem da escola porque tinha de fazer alguns exames para “esta minha perna chata”.

Mais tarde, Joan deitou-se a meu lado.

– Você está preocupado? – perguntou-me.

– Preocupado? Não.

– Você me diria se estivesse?

– Provavelmente não. Mas não estou preocupado.

Ela se deitou de lado e fechou os olhos.

– Quer me massagear as costas? Ainda estou com dores.

Massageei-lhe as costas tão levemente quanto pude.

No dia seguinte eu estava na sala de espera do Hospital Lenox Hill com a mãe de Joan, Helen, quando o cirurgião apareceu.

– Senhor Simon? – perguntou.

Acompanhei-o ao longo do corredor até a escada. Sentou-se no terceiro degrau e me pediu para ficar junto a ele.

– Não está nada bom – observou.

– O quê? A biópsia?

– Ao examiná-la antes da intervenção cirúrgica, encontrei um tumor maligno em seu seio. É câncer, e já está em estado de metástase. Não extirpei o seio.

As palavras fluíam com muita rapidez, com emoções demais revolvendo em minha mente para que eu pudesse aceitar o que ele estava dizendo. Qual era o prognóstico? Eu o ouvi em uma só afirmativa:

– Ela tem aproximadamente um ano de sobrevida. Um ano e meio no máximo.

Um buraco se abriu sob meus pés. A queda foi longa, escura e interminável. Eu não conseguia respirar, nem parar de soluçar convulsivamente. Ele colocou a mão em meu braço dizendo que lamentava tudo aquilo.

– Ela sabe? – perguntei então.

– Disse-lhe que era câncer de mama. Porém, ela ignora quanto tempo de vida lhe resta. Isto é uma questão de família tanto quanto médica.

– O que digo a ela?

– Eu lhe daria alguma esperança. Ela saberá quando o momento chegar. Se eu fosse o senhor, diria que conseguimos detectar o câncer em um estado inicial e que o removemos

completamente. Se o senhor conseguir, não conte ainda para as crianças. O senhor é quem sabe, claro.

A casa do lago

Joan foi conduzida até seu quarto em uma cadeira de rodas e o médico acompanhou-a. Vi Helen no corredor. Não era justo ocultar-lhe a verdade. Além disso, eu sabia que não conseguiria suportar tudo aquilo sozinho, que precisaria de um aliado.

Helen olhou-me bem no fundo dos olhos. Comecei a chorar e me abracei a ela. Ela soluçava, dizendo sem parar:

– Eu sabia, eu soube o tempo todo.

Contei-lhe tudo e expliquei como o médico achava que deveríamos lidar com a situação.

– Isso é só entre nós – pedi. – Não quero que mais ninguém saiba. Nem Ellen, nem Nancy. Não, enquanto não for a hora.

Ela assentiu com um movimento de cabeça, e então o médico nos chamou para entrar no quarto de Joan. Minha esposa estava sentada na cama, com um sorriso de esperança nos lábios.

– O médico falou que conseguiram extirpá-lo totalmente. – disse ela. – Isto não é maravilhoso?

Assenti com a cabeça e beijei-a. Senti seu corpo relaxar em meus braços. A partir daquele momento passei a viver uma conspiração do silêncio. Mas eu ainda acreditava, apesar das palavras do médico, que Joan conseguiria vencer o câncer.

Ela começou a fazer radioterapia. À medida que as semanas passavam e

suas dores diminuam, seu estado de espírito melhorava. Habituei-me tanto a manter meu otimismo que não sabia mais se estava fingindo ou acreditando. A mentira tornou-se verdade. Não a verdade real, mas uma verdade que ajuda a viver o dia-a-dia.

Em casa, eu trabalhava em minha nova peça, *The Sunshine Boys*, deixando que ela absorvesse todos os meus outros pensamentos. As horas em que eu me sentava diante da máquina de escrever eram meu refúgio. Joan ficava na cama escrevendo poesia – algo que não fazia desde os tempos de faculdade, quase 20 anos atrás.

Eu queria conseguir algo para Joan que afastasse a sombra que pairava sobre ela. Pensei na casa de seus sonhos. Tínhamos amigos em Bedford, Nova York, distante cerca de uma hora de carro de nossa cidade. Aluguei um carro e fui até lá, dizendo a Joan que tinha reuniões naquele dia sobre uns projetos de filmes.

Entreí em uma imobiliária, e dentro de uma hora eu havia visto uma dúzia de casas. Por volta das três horas da tarde, chegamos a um pequeno bosque com uma linda casinha numa pequena colina. Vi uma ponte de madeira sobre um regato. Mais adiante o sol brilhava sobre um lago. “Esse é o Lago da Garça Azul”, disse o agente imobiliário. “Vou lhe mostrar.”

Atravessamos a ponte e fomos até um pequeno píer, onde havia um abrigo para barcos. Um barco a remo estava amarrado à amurada. O lago parecia enorme.

Mal olhei para a casa antes de fazer minha oferta. A seguir fomos até a

imobiliária e assinei alguns papéis. Se Joan fosse feliz aqui, quem sabe quais milagres poderiam acontecer?

No carro, de volta para casa, imaginei o que Joan pensaria sobre o fato de eu ter comprado uma casa sem jamais examiná-la. Não era do meu feitio fazer aquilo. Caminhei até o banheiro, incapaz de esconder o enorme sorriso em meu rosto. Ela também sorriu.

– Por que você está tão feliz? – perguntou.

– Fiz uma loucura hoje. Talvez algo maravilhoso.

– Você quer me dizer o quê?

– Comprei uma casa. Perto de um lago. Você acha que sou maluco?

O sorriso em seu rosto valia qualquer coisa.

– Não acredito! Você está me dizendo a verdade?

Conversamos a noite toda sobre a casa. Nancy e Ellen ficaram extasiadas. Quando apaguei as luzes, imaginei: *Será que ela sabe por que fiz isso tão rapidamente?* Mas mesmo se ela suspeitasse, sua mente estava agora ocupada com a idéia de morar no campo, em um lugar que tinha um nome tão perfeito como Lago da Garça Azul.

O sol brilhava

Comecei a ter sonhos que eram o inverso dos pesadelos. Eram felizes – sonhos de uma Joan saudável, de conhecê-la em um acampamento de verão nas Montanhas Pocono, dos risos que compartilhamos sentados no *Washington Square Park* com nossa filha mais velha, Ellen, ainda em um

carrinho de bebê. Acordei me sentindo muito bem até que virei e vi Joan dormindo a meu lado, e o despertar se tornou um pesadelo.

Ela quase nunca revelava seus próprios sentimentos. Jamais fazia perguntas, e logo aprendi a parar de perguntar: “Como você está se sentindo?” Ainda não conseguia andar sem bengala, e percebi que não queria minha ajuda. Mesmo assim, quando ela descia as escadas, minha mão estava sempre a poucos centímetros de seu braço.

Veio a próxima consulta com o oncologista e senti que não estava preparado para o que ele disse. “Bem, senhora Simon, tudo parece em ordem. O tumor está regredindo.”

Um enorme sorriso de alívio surgiu no rosto de Joan. Eu não conseguia acreditar no que ouvia. O que estava acontecendo ali? O câncer estava desaparecendo?

Não sabia mais em que acreditar, exceto que naquele dia o sol estava brilhando e Joan e eu íamos sair para sua primeira visita à casa de Bedford. Quando chegamos, ela estava radiante. “Vou lhe mostrar a casa agora mesmo”, falei. “Você vai ver o lago primeiro.”

Joan ficou de pé no cais, olhando para o abrigo dos barcos e para a água. Pude ver pela expressão em seu rosto que aquele lugar a transportava para a época em que fora mais feliz: durante sua juventude nas montanhas, quando saía em um barco a remo e nadava naquelas águas geladas à noite. “Vou me livrar desta bengala”, disse. “Vou nadar no lago. Vou pegar o maior peixe e

cozinhá-lo para o jantar.” E isto foi exatamente o que ela fez.

Alívio de verão

Antes do verão Joan já estava em um barco pescando com Ellen e Nancy, ensinando-lhes o que aprendera quando criança. À tarde jogávamos tênis. Ela golpeava a bola sobre a rede com força e velocidade. “Caramba!”, gritava. “Batam na bola com vontade de vencer!”

Era maravilhoso vê-la assim outra vez. A bengala foi abandonada. Ela já caminhava sem dificuldade. Nossa vida estava de novo em nossas mãos. Teria Deus nos concedido um alívio?

No final do verão, Joan parecia livre de todos os sinais do câncer. Fomos para Manhattan, e comecei os ensaios de *The Sunshine Boys*. Sentia-me feliz por não ter contado nada à Ellen e à Nancy sobre as recentes batalhas de Joan, e rezei para nunca ter de fazê-lo.

Depois da estréia da peça, Joan e eu levamos as garotas para a Flórida. De repente, as dificuldades para caminhar reapareceram. Joan segurava no corrimão para subir as escadas, respirava com mais dificuldade e movia-se lentamente. Alguns dias mais tarde, a dor intensificou-se e ela não conseguia andar sem a bengala.

Os tratamentos radioterápicos começaram de novo em Manhattan. Durante o jantar, Joan usava a palavra “tratamentos”, mas nunca mencionava radiologia. Ela simplesmente a descartava como aquela sua “perna ruim”. As garotas pareciam aceitar aquilo.

Finalmente, em um final de semana no meio da noite, Joan virou-se para mim e disse bem baixinho:

– Estou com muito receio.

Tentei aplacar-lhe o medo, porém nós dois sabíamos que o único conforto que eu lhe poderia dar naquele momento era abraçá-la até que ela adormecesse outra vez.

Espalhando rápido

A saúde de Joan não estava melhorando, mas a radiologia aliviava as dores. Na primavera, o sol tépido e o ar fresco devolveram-lhe a cor do rosto. Seu sorriso retornou, mas não o sorriso que eu conhecera durante todos aqueles anos. Ele refletia uma nova atitude – não exatamente aceitação, mas sim resignação, como se ela tivesse feito um pacto com alguém que fosse apanhá-la.

Eu a vi caminhando no bosque com Nancy, então com dez anos, explicando-lhe como as flores sempre renasciam e que mesmo quando uma flor morre, ela inevitavelmente reaparece em outro lugar. Ela estava dizendo à Nancy, à sua maneira, aquilo que eu não conseguia dizer.

Eu estava do lado de fora da casa quando ouvi seu grito de dor. Corri para o quarto e a encontrei incapacitada de se mover. Ajudei-a a caminhar até a cama e em seguida liguei para o doutor Jack Bornstein. Ele pediu que eu a levasse ao Hospital Lenox Hill.

Chamei uma ambulância, e Joan pediu-me para chamar a mãe. No hospital, os médicos disseram que Joan precisaria ficar internada por uma semana.

Duas semanas se foram, um mês transcorreu. Quando encontrei o doutor Bornstein no corredor, observei seu ar abatido.

– O que está acontecendo? – perguntei-lhe.

– O câncer está se espalhando de forma muito rápida, como um rastilho de pólvora – disse ele. – Mais rápido do que podemos tratá-lo. Faremos tudo para dar-lhe o máximo conforto possível. Não vamos perder as esperanças.

Joan não queria nenhuma visita exceto a dos membros da família. Nem mesmo eu podia entrar em seu quarto sem avisar. A enfermeira entreabriu a porta e disse em voz baixa:

– Joan quer alguns minutos para se aprontar.

– Mesmo para mim?

– Especialmente para o senhor.

Quando a porta se abriu, Joan estava sentada na cama, com seu melhor sorriso, cabelo amarrado para trás em um rabo-de-cavalo igual àquele que usava quando a conheci. Ela falou sobre as garotas, meu trabalho, fez até planos para quando saísse do hospital.

Uma noite, em casa, sentei à mesa da cozinha com Ellen. Seu rosto de apenas 15 anos tinha expressão apreensiva.

– Eu deveria ter lhe contado isso antes – disse-lhe. – Você sabe que mamãe está muito doente.

Ela assentiu com um simples movimento de cabeça.

– Não sei quanto tempo ela vai viver. Os médicos dizem que pode ser até agosto ou até mesmo...

– Eu sabia que ela estava doente.

Sabia que ela ia morrer. Só não sabia quando.

Seus olhos encheram-se de lágrimas, e quando estiquei o braço para tocar-lhe a mão, toda a sua tristeza emergiu. Disse-lhe que não contaria nada ainda para Nancy, que se encontrava no acampamento. Ela estava a apenas duas horas distante de casa, e eu poderia trazê-la antes que qualquer coisa acontecesse.

Sozinhos e juntos

O telefone tocou próximo à minha cama. Eram 3:10 da manhã do dia 11 de julho. Uma voz suave me avisou que Joan havia morrido enquanto dormia.

Ela estava com 40 anos de idade.

Sentei na cama tentando me recompor e, a seguir, acordei Ellen. Aquele momento havia chegado mais cedo do que esperávamos, e sua dimensão ainda não havia sido totalmente percebida por nós. A profundi-

dade da perda vem mais tarde, quando o sol nasce com a consciência de que aquele novo dia e todos os dias do resto de sua vida serão sem Joan.

Fiz os preparativos para trazer Nancy de volta para casa. Foi finalmente naquele dia que lhe contei tudo, e foi tarde demais. De todos os arrependimentos que já tive, o que mais lamento foi não lhe ter dito há mais tempo. Ela levou anos para me dizer que ficou zangada e confusa. Entretanto, nunca me culpou.

Voltamos de carro do cemitério para casa com a mãe de Joan sentada entre as netas. Olhei para seus rostos e para a paisagem ao longo da estrada. Aos 46 anos, com duas filhas, eu me senti vazio e amedrontado. A única coisa que tínhamos era uns aos outros.

Neil Simon, hoje com 69 anos, está casado de novo e vive em Los Angeles. Ellen e Nancy também casaram e têm uma filha, cada.



O Toque Pessoal

DEPOIS QUE MEU FILHO se mudou para Seattle, enviou-nos pelo correio algumas fotos mostrando a beleza da região. Infelizmente, o envelope rasgou-se no caminho e as fotos se perderam.

Quando liguei para contar, ele disse: “Eu sei, estou com elas aqui.” A agência do correio de Seattle encontrou as fotos perdidas. A única pista era um instantâneo do carro da namorada do meu filho. Anotaram o número da chapa, contataram o Departamento de Veículos e, assim que conseguiram o endereço dela, enviaram-lhe as fotos.

Judy Maersch

HÁ UM LETREIRO colocado abaixo da balança no consultório do meu médico: “Imagine que seja o seu Q.I.”

Cheryl Stice